

QUESTÕES DE GÊNERO NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE DE DISCURSO NA COBERTURA DO SITE GLOBO ESPORTE SOBRE A SELEÇÃO BRASILEIRA

Letícia Michele Schneider¹

RESUMO

O presente artigo propõe o estudo da inclusão e exclusão de atores sociais nas publicações sobre a Seleção Brasileira de Futebol, Feminina e Masculina, na cobertura jornalística do site Globo Esporte. Para tanto, realiza uma análise de discurso onde, de maneira quantitativa e qualitativa, analisa 23 matérias veiculadas nos dias de jogos da fase de grupos das Olimpíadas de Tóquio 2020. A análise da amostra usa dos conceitos de inclusão e exclusão trabalhados por van Leeuwen (1997; 2008), busca compreender as questões de gênero que envolvem a mulher esportista destacadas por Romero (2004), além de abordar as ideias de Fairclough (2001) sobre o significado do discurso dentro da sociedade. Como resultado, conclui-se que através de um olhar jornalístico a seleção brasileira feminina é tratada com inferioridade em comparação a masculina, seja de forma numérica ou pelo discurso utilizado na representação dos atores sociais.

PALAVRAS-CHAVE: atores sociais; discurso; exclusão; futebol feminino; Globo Esporte.

1 INTRODUÇÃO

É através da linguagem que nos comunicamos diariamente. O jornalismo, por sua vez, usufrui-se dela para informar o público sobre assuntos que julga ser mais relevantes ou por apresentarem grande impacto junto à sociedade, a partir de inúmeros critérios. De outro lado, também, compete ao jornalismo, abordar temas de interesse da população. O futebol, esporte mais popular do país, é um desses temas.

No Brasil, o futebol tornou-se o pontapé inicial da cobertura esportiva, contudo, essa editoria era pouco valorizada no meio jornalístico. Hoje, o futebol conquistou um amplo espaço na mídia, especialmente quando se trata de grandes competições. Mas, ao abordarmos o contexto histórico da mulher na prática esportiva e observar a função do jornalismo esportivo que é de cobrir/divulgar/debater eventos esportivos, notamos a problemática que origina as inquietações motivadoras para este artigo.

No passado, eram proibidas de jogar futebol devido às “condições de sua natureza”. Atualmente, a falta de patrocínio, o baixo salário e a estrutura inadequada continuam sendo reflexos da desvalorização do futebol feminino.

Todavia, compreendemos que essa desvalorização pode ser percebida além dos elementos que circundam o esporte em si, já que ela também está atrelada à maneira como a modalidade é representada pela mídia. Assim, é objetivo deste trabalho observar de que forma

¹ Artigo apresentado pela acadêmica do curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Ms. Fábio Luis Rockenbach, no ano de 2022/1.

a imprensa esportiva, representada por um dos mais populares sites esportivos do país, aborda o futebol feminino e seus atores, em comparação à atenção dada ao futebol masculino.

Para tanto, o objeto de estudo deste trabalho centra-se na análise de 23 publicações do site ge.globo.com referentes a seleção brasileira feminina e masculina de futebol nos Jogos Olímpicos de Tóquio, que devido a Covid-19 ocorreram em 2021. As matérias em questão equivalem aos dias de jogos da fase de grupos, sucedidos entre 21 e 28 de julho.

Desse modo, será verificado mediante a uma análise de discurso como a questão do gênero é percebida na inclusão ou exclusão dos atores sociais nessas matérias. Além disso, de forma complementar, iremos nos ancorar no número de publicações sobre a equipe feminina e masculina neste período, a fim de visualizar como cada seleção é tratada nesse sentido.

2 MULHER NO ESPORTE: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

A história da mulher no esporte, assim como nos demais aspectos da sociedade, é de luta por respeito e igualdade. No país, a perspectiva de que o esporte não deveria ser praticado por mulheres se legitimou através de proibições estabelecidas por Getúlio Vargas em 1941. O decreto-lei 3.199, consta em seu artigo 54 a proibição da prática de desportos incompatíveis com a natureza feminina, como o futebol. Tal modalidade era vista como violenta e não adaptável para o sexo feminino, pois poderia resultar lesões em seus órgãos reprodutores. Para Romero:

Um dos argumentos que dava suporte a essa exclusão referia-se às possíveis mudanças no corpo e na natureza feminina, além do risco de masculinização. Contudo, as diferenças entre os sexos apontadas pelo esporte não são tão simples quanto parecem; elas, frágeis, não alcançam resultados semelhantes aos deles, fortes e viris. (2004, p. 105).

O decreto-lei que sofreu pequenas alterações durante os 40 anos que perdurou, veio a ser revogado em 1979. Porém, diversos estudiosos como Jaeger (2006 apud CARVALHO, GROHMANN, 2016, p. 5) argumentam que mesmo nos dias atuais “as relações de poder exercidas entre homens e mulheres no campo esportivo, tem se configurado em posições e acessos extremamente desiguais”. O fato estaria ligado ao uso inapropriado das características biológicas, as quais justificariam a superioridade do sexo masculino sobre o feminino.

Logo, tais atributos de masculino e feminino estão ligados diretamente ao gênero. Para uma melhor compreensão, tomamos aqui os conceitos definidos por Joan Scott (1995 apud ROMERO, 2004, p. 104), no qual o gênero está baseado nas diferenças físicas entre os dois

sexos. Nessa articulação, o gênero ainda “torna-se uma forma de indicar construções culturais – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”. (1995 apud ROMERO, 2004, p. 104).

Em se tratando de esporte, Januário (2015 apud CASTRO, MÁXIMO, 2018, p. 2), ressalta que “a ideia de conquistas e sucesso está habitualmente associada à velocidade, agilidade, força e resistência e, por conseguinte, ao homem. Acreditava-se que a mulher não possuía esses componentes dominantes na prática do futebol”.

Diante disso, devemos lembrar que, o esporte sendo considerado um bem cultural e um instrumento de auto expressão do ser humano, necessita a convivência harmônica entre todos. Portanto, o esporte não deveria ser uma questão de gênero e cabe a mídia evidenciar isso.

3 O PAPEL DO JORNALISMO NO FUTEBOL MASCULINO E FEMININO

As notícias podem ser compreendidas como um conjunto de ideias e símbolos, “um produto industrial que operacionaliza as perspectivas desencadeadas como um efeito dominó das ações midiáticas, que chega a ser desconcertante”. (MOREL, MOURÃO, 2005, p. 2).

Ou seja, as mensagens e significações dadas pelos meios de comunicação, também conhecidos por “quarto poder”, têm a capacidade de construir ou reforçar as concepções de poder e ideologia, como as ligadas ao gênero que propagam-se na sociedade brasileira.

Isto pois, o jornalismo é quem escolhe os fatos e as pessoas que serão destaque. “Da mesma forma que o jornalismo facilitou a ascensão popular do futebol masculino, colaborou com o silêncio historiográfico da presença feminina na história do futebol brasileiro”. (CASTRO, MÁXIMO, 2018, p. 3).

O meio esportivo ainda cria e/ou reforça “as noções que a sociedade tem sobre o que pertence ou não aos gêneros masculino e feminino, o que para Jaeger (2006), ajuda a naturalizar desigualdades”. (CARVALHO, GROHMANN, 2016, p. 6).

Nesse horizonte, Novaes (2010 apud CARVALHO, GROHMANN, 2016, p. 3) aponta que o jornalismo esportivo é essencial no papel de divulgação e consumo dos mais variados esportes, pois se a imprensa não os divulgar eles ficam restritos a quem os pratica.

Em se tratando de divulgação, parece perceptível ao telespectador esportivo, segundo Jaeger (2006 apud CARVALHO, GROHMANN, 2016, p. 6-7), como a mídia ressalta mais as mulheres em esportes que exigem flexibilidade e leveza, como é o caso da ginástica artística, pois mantêm sua feminilidade. Já aos homens cabem esportes relacionados à velocidade, força e resistência, o que ressalta sua masculinidade. No caso do jornalismo, esse realce às certas características pode estar presente na linguagem e no significado que dela emana.

4 O DISCURSO E A SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

A linguagem exerce um papel essencial na forma como a mídia atua na sociedade, sendo também um fator determinante nas relações sociais entre os indivíduos. Nesse sentido, Ferdinand Saussure (1974 apud CORRÊA, 2002) designa a linguagem como a capacidade humana de produção de sentido por meio da organização de códigos. Esta ainda é responsável por caracterizar todas as formas de comunicação, sendo a língua uma delas.

Ao evidenciar a definição de língua, Saussure (1974 apud CORRÊA, 2002) a destaca como a capacidade do homem de “produzir signos e arranjá-los em sistemas”, a configurando como um produto social, ou seja, algo que é próprio de grandes grupos. Assim, para ele, a língua é a linguagem das linguagens e, quando materializada, torna-se uma prática social, portanto, através dela é possível fazer uma crítica social.

Em sua obra *“Discurso e mudança social”*, o linguista britânico Norman Fairclough (2001, p. 102-103) enfatiza que Saussure descreve os signos como conteúdos combinados com uma forma ou de um significado atrelado a um significante, sem haver a necessidade de algo que una um “significante particular com um significado particular”. Assim, o sentido dos fatos é estabelecido pela própria pessoa enquanto lê ou escreve, isso porque os signos estão ligados à subjetividade.

Além disso, o autor salienta que prefere empregar o termo “discurso” ao invés de “uso da linguagem”, como os demais linguistas tradicionais. Ao utilizá-lo parte do pressuposto de discurso com o sentido de “texto e interação”. Nessa perspectiva:

Qualquer ‘evento’ discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva, é um exemplo de prática social. A dimensão do ‘texto’ cuida da análise linguística de textos. A dimensão da ‘prática discursiva’, como ‘interação’ [...] especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual - por exemplo, que tipos de discurso [...] são derivados e como se combinam. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22).

Desse modo, a prática discursiva “contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92). Ou seja, o discurso pode ser visto como uma forma de ação e representação das estruturas sociais.

Para Fairclough (2001, p. 230) ao sermos produtores de um discurso “estamos diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado por meio de palavras, e como intérpretes sempre nos confrontamos com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas)”.

Conceituado como discurso, “o jornalismo é entendido como um lugar de circulação e produção de sentidos”. (2008 apud TRINDADE, 2015, p. 52). Nesse aspecto, a autora reflete que ao analisarmos um discurso precisamos levar em consideração todos os elementos que o constroem, como o contexto histórico e social que o indivíduo está inserido ou a linguagem que este é habituado a usar.

Em suma, o discurso jornalístico é resultado de uma construção histórica, assim, segundo Trindade (2015, p. 55) ao relatarmos um fato “ele carrega, mesmo que de maneira muito sutil, julgamentos de valor que indicam o que é socialmente aceitável”. Logo, podemos notar que a escolha das palavras geram um significado ou uma representação no discurso.

5 REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS

O uso de um determinado discurso ajuda a reforçar ou enfraquecer as relações de poder exercidas em sociedade. Desse modo, o discurso apresenta-se como uma forma de ação e/ou representação das práticas sociais. Tal afirmação se dá por meio dos estudos do linguista Theo van Leeuwen (2008 apud FERREIRA, 2018b, p. 57), o qual utiliza o termo “atores sociais” para definir os indivíduos no decorrer de um texto.

Para van Leeuwen (2008 apud FERREIRA, 2018b, p. 62), o sentido do texto pode variar de acordo com os objetivos ou interesses do autor e também do público leitor a que este está designado. Logo os atores sociais ali presentes serão representados/caracterizados da forma que mais lhes convém. Tendo por base a teoria da representação dos atores sociais, o linguista e semioticista neerlandês-australiano (1997 apud FERREIRA, 2018, p. 103) observa que esses processos ocorrem através de duas categorias principais: inclusão e exclusão.

As *inclusões* ou *exclusões* de atores sociais no texto “podem ser constatadas [...] através de recursos como o destaque, a ênfase, o desaparecimento e o apagamento de termos em uma construção verbal”. (FERREIRA, 2018, p. 103). Em sua pesquisa, van Leeuwen (2008 apud FERREIRA, 2018b, p. 62) concluiu que nem todas as formas de exclusão deixam indícios, diante disso, classificou a exclusão de dois modos: a **Supressão** e o **Encobrimento**.

No caso da **exclusão por supressão**, os atores sociais são excluídos de um modo que não possam ser identificados em qualquer parte do enunciado, portanto, é necessário na supressão “comparar textos para identificar o que foi invisibilizado”. (FERREIRA, 2018b, p. 62). A supressão em geral advém com o apagamento do agente da passiva. Para tanto, “utiliza-se o verbo na voz passiva sem a explicitação do agente/ator para representar o objeto da ação”. (FERREIRA, 2018, p. 106).

Por sua vez, a **exclusão por encobrimento** acontece de forma parcial, ou seja, é possível o leitor saber de qual ator social está falando-se através de um determinado trecho do próprio texto. Via de regra, os atores sociais são excluídos de algumas ações, mas não de outras, além disso, sua presença pode ser percebida diante do uso de elementos gramaticais presentes na própria oração. De acordo com Ferreira (2018, p. 105) “eles não estão totalmente excluídos, embora sejam visualmente diminuídos ou representados com menos destaque”.

Segundo van Leeuwen (2008), tanto na Exclusão por Supressão como por Encobrimento, os atores sociais se secundarizam em escalas diferentes; de modo que, caracterizam-se como seres inferiores em relação a atividade que estão envolvidos. Van Leeuwen apresenta alguns tipos de realizações linguísticas das categorias sócio-semânticas de Supressão e de Encobrimento [...]: (i) apagamento do agente da passiva (ii) oração no infinitivo (iii) nominalização de um processo e (iv) adjetivação sem atribuidor. (apud FERREIRA, 2018b, p. 62).

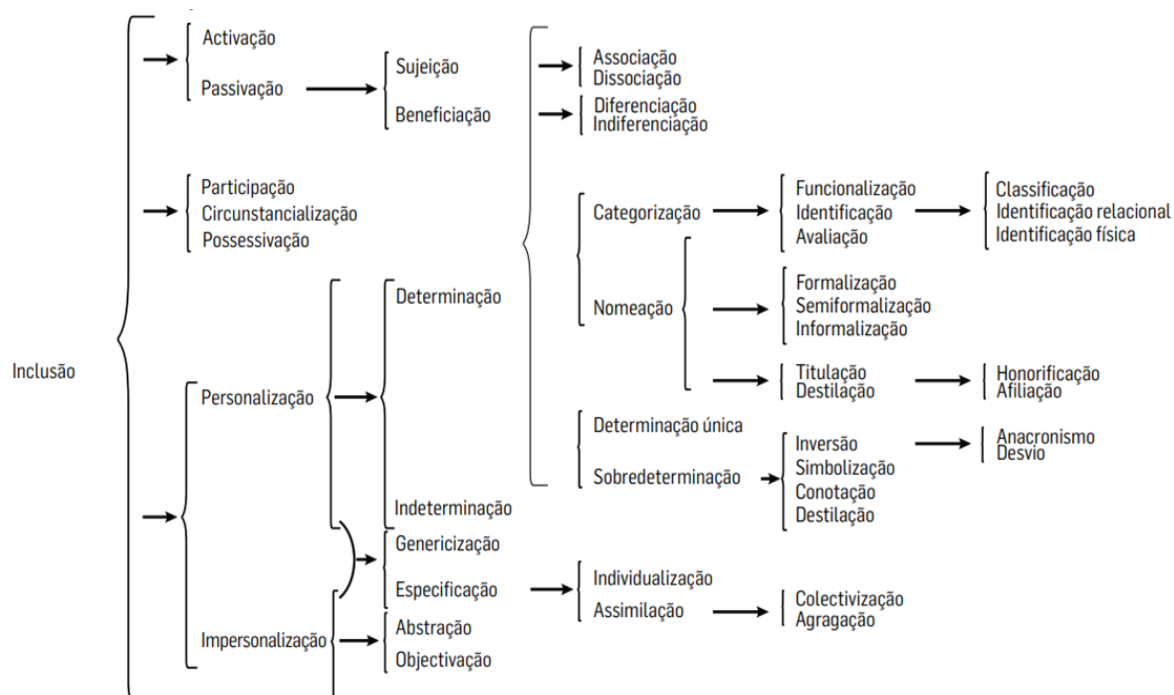
De forma bem simplificada, podemos entender que o **apagamento** do agente da passiva ocorre quando o verbo está na voz passiva analítica, assim, o agente ou ator da ação não é perceptível naquela oração ou em nenhuma parte do texto. Já na oração no infinitivo, “o ator social ou o objeto que preenche os lugares dos participantes do enunciado são **ocultados**” (FERREIRA, 2018b, p. 63), diante disso, a ação ganha maior realce.

A nominalização de um processo está relacionada “ao ato de modificar um elemento gramatical de função verbal (o próprio verbo ou locução verbal) em um substantivo, ou seja, transformá-lo em um nome”. (FERREIRA, 2018b, p. 64). Assim sendo, este processo oculta o indivíduo responsável pelo ato, pois o verbo aponta quem faz a ação, enquanto o substantivo, neste caso, não possui a mesma capacidade de identificação causando assim a exclusão.

O último modo de exclusão do sujeito é a utilização de adjetivos sem um atribuidor, o que “conforme van Leeuwen (2008), consiste na forma de representação em que um elemento do texto é caracterizado, sem que, no entanto, saibamos quem atribuiu tal característica”. (apud FERREIRA, 2018b, p. 65).

No que se trata da **Inclusão** dos atores sociais, pode-se notar uma amplitude de categorias e subcategorias analíticas estabelecidas por van Leeuwen, como é mostrado na Figura 1. Nesse horizonte, o linguista se preocupa em “investigar que opções são feitas em que contextos institucionais e sociais, e por que é que estas escolhas são feitas, que interesses é que as servem e que propósitos são alcançados”. (1997 apud FERREIRA, 2018, p. 105).

Figura 1: Categorias de análise de inclusão na representação dos atores sociais no discurso



Fonte: van Leeuwen (1997 apud FERREIRA, 2018, p. 104)

Todavia, lembrando que não cabe a este trabalho classificar em quais categorias de análise encontram-se determinadas orações, estas serão citadas de forma mais superficial a partir do intuito de assimilar quais características incluem ou demonstram exclusão do sujeito dentro de um discurso.

Isto posto, uma das formas dos atores sociais serem **incluídos** é através da **personalização**. Ou seja, mediante o “uso de pronomes pessoais ou possessivos, nomes próprios, substantivos ou adjetivos de característica humana” (FERREIRA, 2018, p. 107), bem como, o status social, referências genéricas ou específicas de um grupo, funções ou cargos de uma pessoa, relações pessoais, entre outros.

Por outro lado, a **impersonalização** baseia-se em retirar os aspectos humanos e usufruir de substantivos abstratos. Segundo van Leeuwen (1997 apud FERREIRA, 2018, p. 107), há dois modos de impersonalização: a abstração e a objetivação.

A abstração acontece “quando os atores sociais são representados por meio de uma qualidade que lhes é atribuída pela representação” (van Leeuwen, 1997, p. 208). Neste caso, troca-se o substantivo próprio por qualquer atribuição abstrata. Já “a objetivação ocorre quando os atores sociais são representados por meio de uma referência a um local ou coisa diretamente associada quer à sua pessoa quer à atividade a que estão ligados” (van Leeuwen, 1997, p.209). [...] é uma representação de caráter metonímico, uma vez que a palavra substitutiva apresenta uma estreita relação com a substituída. (FERREIRA, 2018, p. 108).

Portanto, diante das categorias de análise propostas pelo linguista Theo van Leeuwen, pode-se constatar que seus estudos atentam-se ao papel que a linguagem possui “no processo de (re)contextualização das práticas sociais”. (1997 apud FERREIRA, 2018, p. 103). Nessa perspectiva, vale ressaltar que, a inclusão ou exclusão de certos atores sociais são reflexo da continuidade ou transformação de processos socioculturais.

6 METODOLOGIA

A presente pesquisa qualitativa irá fazer o uso da representação dos atores sociais estabelecidos por van Leeuwen (1997; 2008) dentro dos discursos, preocupando-se com os significados presentes em um texto, neste caso, na inclusão ou exclusão dos indivíduos nas matérias futebolísticas estudadas.

De maneira complementar, a pesquisa também se manifestará de forma quantitativa, quando será verificado o número total de matérias publicadas na fase de grupos para cada gênero. Esta visa demonstrar o significado que os números trazem a respeito do assunto trabalhado e como estes podem ser interpretados diante da hipótese proposta neste artigo de que a cobertura esportiva do futebol feminino segue sendo inferior à do futebol masculino.

Tomando a noção de Fairclough (2001, p. 58), o discurso é socialmente construtivo, capaz de construir sujeitos e relações sociais. Logo, a análise de discurso não se preocupa apenas com a relações de poder no discurso, “mas também com a maneira como as relações de poder e a luta de poder moldam e transformam as práticas discursivas de uma sociedade”.

Por isso, neste trabalho, a análise de discurso será feita através da combinação da compreensão, em sentido amplo, para Fairclough do que é o discurso e de sua função com a materialização da representação dos atores sociais segundo van Leeuwen.

No *corpus* desta pesquisa serão analisadas 23 reportagens publicadas no site ge.globo.com entre os dias 22 e 28 de julho, datas que correspondem à fase de grupo dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 na modalidade de futebol masculino e do dia 21 a 27 de julho na modalidade de futebol feminino, no mesmo período.

Ao todo foram feitas 62 publicações durante a fase de grupos, todavia para podermos fazer uma análise mais aprofundada, utilizou-se apenas as matérias referentes aos dias de jogos de ambas as seleções. Como este trabalho tem por objetivo uma pequena análise quantitativa, as 39 matérias restantes foram separadas em pré-jogo (data anterior ao jogo) e pós-jogo (um dia após o jogo) apenas com intuito de observação, sem aprofundamento no seu conteúdo.

Também optamos por não classificar qual subcategoria os atores sociais se encontram quando incluídos, pois abrangeria questões da gramática sistêmico-funcional estabelecidas pelos estudiosos Halliday & Matthiessen (2004), não trabalhados neste artigo. Entretanto, há consciência de que as formas de inclusão também podem ser indícios das relações de poder ou de negação da mulher. Incluí-la, por exemplo, para dizer que ela não serve.

As matérias estão dispostas na aba menu >> seleção brasileira, no site do Globo Esporte. Em um primeiro momento, a análise consistiria na aba menu >> olimpíadas >> futebol feminino; menu >> olimpíadas >> futebol masculino, entretanto, esta versão só está disponível para celular. Além disso, as matérias não são separadas corretamente, pois algumas delas referentes a seleção brasileira feminina também encontram-se na aba futebol masculino.

Por fim, a observação do conteúdo das matérias irá procurar indícios da exclusão e inclusão de elementos comuns nas modalidades masculina e feminina com o propósito de perceber diferenças de tratamento de gênero por parte da editoria esportiva do site.

7 ANÁLISE

Considerado como o maior evento esportivo do mundo, os Jogos Olímpicos ocorrem a cada quatro anos e reúnem mais de 200 países que competem nas mais diversas modalidades. Desde 1920, quando fez sua primeira participação, o Comitê Olímpico Brasileiro já disputou 24 edições dos Jogos Olímpicos de Verão.

Entre uma das modalidades com mais participações brasileiras ao longo dos anos está o futebol que consiste em quatro etapas: fase de grupos, quartas de final, semifinal e final. A fase de grupos tem 16 times divididos em quatro chaves, onde cada time da chave disputa três jogos, os quais serão analisados aqui como jogo de estreia, 2º jogo e jogo classificatório.

Assim, para uma melhor assimilação, as publicações ainda serão rotuladas da seguinte forma: “F” para as matérias referentes a seleção feminina e “M” para as matérias sobre a seleção masculina, somado a uma enumeração a fim de representar o número da postagem.

a) Jogo 1

A estreia do futebol nos Jogos Olímpicos 2020 se deu com as mulheres, onde no dia 21 de julho, a seleção brasileira feminina enfrentou a China e goleou as adversárias por 5 a 0. Na ocasião, o site do Globo Esporte publicou duas matérias sobre o jogo de estreia, que serão nomeadas aqui como F1 e F2 .

A matéria F1² é desenvolvida a partir da entrevista de Marta, autora de dois gols da partida. Por conta de sua fala, o veículo lembra que o discurso de jogar como um grupo é muito defendido pela técnica Pia Sundhage, que tem seu nome citado somente uma vez. De forma mais breve, também aparecem os nomes da jogadora Andressa Alves que marcou um gol de pênalti e o da noiva de Marta, que foi homenageada durante o gol da camisa dez.

Contudo, ao compararmos na própria matéria a quantidade de gols com o número de atores sociais presentes no texto podemos deduzir que há uma exclusão por Supressão, pois Debinha e Bia Zaneratto, autoras dos demais gols, não aparecem em nenhum momento.

A matéria F2³ é produzida pelo jornalista e comentarista Paulo Vinícius Coelho, vulgo PVC, a qual não é necessariamente uma notícia, mas sim uma coluna⁴ de opinião. Nela o jornalista enfatiza que a técnica Pia Sundhage poderia tornar a seleção feminina campeã, pois quando treinava a seleção estadunidense tirou o ouro do Brasil duas vezes.

Em um trecho de sua coluna, PVC constrói a narrativa de que “ganhar a medalha de ouro pode despertar a atenção necessária para o fato de que o esporte não tem gênero”, isto porque a melhor colocação feminina no futebol foi duas medalhas de prata em 2004 e 2008, enquanto a masculina já havia conquistado um ouro em 2016. Assim, segundo ele, um título de campeã poderia ser capaz de trazer um maior reconhecimento ao futebol feminino.

Para finalizar, o comentarista destaca que no próximo jogo, as mulheres irão enfrentar a Holanda, país da “craque Miedema, artilheira da Super Liga Inglesa da temporada 2019/20, pelo Arsenal”.

No masculino, a seleção brasileira fez seu jogo de estreia contra a Alemanha, no dia 22 de julho, e conseguiu vencer por 4 a 2. Sobre esta partida, o site publicou seis notícias, que serão identificadas como M1, M2, M3, M4, M5 e M6. Na primeira delas (M1)⁵, também escrita por PVC, é feita uma análise técnica do jogo, além de ressaltar o fato do técnico André Jardine estar a nove meses no comando da equipe e somente Matheus Cunha ter sido o titular da estreia olímpica que participou da derrota contra o Egito.

O jornalista esportivo aborda os nomes de seis jogadores convocados pelo treinador e que não puderam participar da competição. Dunga e Rogério Micalé são outros atores sociais que aparecem em seu discurso para mostrar que isso já havia acontecido anteriormente. Já em relação ao confronto em si são citados quatro atletas, seus respectivos times e o técnico Stefan

² F1 - Após ceder cobrança de pênalti a Andressa Alves, Marta ressalta: “Aqui não tem vaidade”

³ F2 - Verdadeiro projeto olímpico do futebol brasileiro é o da seleção feminina

⁴ De acordo com a definição de Marques de Melo (2002), a coluna é um espaço específico para a emissão de juízos de valor, consequentemente, é um exemplo do gênero opinativo

⁵ M1 - Brasil mostrou força coletiva na estreia, apesar de fragilidade da Alemanha e pressão no final

Kuntz, que “formou dupla de ataque titular com Jurgen Klinsmann, na Alemanha, campeã europeia de 1996”, a fim de justificar tal sufoco no resultado da partida.

Nesse contexto de trazer personagens importantes, é frisado o nome de cinco atletas da Alemanha que a seleção brasileira de Dunga a cinco anos atrás precisou enfrentar. No que diz respeito ao próximo jogo, é acentuado que o Brasil enfrentará Kessié, Kouamé e Bailly, atletas de grandes times europeus e como determinadas características de cinco jogadores brasileiros podem ajudar o time nesse confronto. São, apenas aqui, nove atores sociais citados, metade deles relacionados a outra época, enfatizando uma construção de memória esportiva ausente nas matérias femininas, consequentemente, transmitindo a ideia de não existir passado ou grandes feitos e nomes para serem lembrados.

O atacante Richarlison é o grande destaque da notícia M2⁶ por ser autor de três gols e alcançar o primeiro hat-trick da carreira, fato que foi comemorado por ele na entrevista.

O ator social de maior realce da matéria M3⁷ é o atual capitão e lateral-direito Daniel Alves. Em entrevista, este fala sobre os ensinamentos da partida e o fato de buscar um título que ainda não tinha em sua carreira profissional. Nesta matéria, o nome de Paulinho é referido uma vez por ser o autor do quarto gol da seleção.

Paulinho é o personagem central da quarta publicação do dia (M4)⁸, que em entrevista à Globo comenta sobre seu gol e a lesão que o deixou fora dos gramados por quase um ano. Na mesma notícia, são abordados os nomes de Richarlison para se referir ao autor dos demais gols e do técnico André Jardine ao atleta mencionar a produção ofensiva do time.

O técnico André Jardine é o destaque da matéria M5⁹, o qual releva que houve uma queda de rendimento da equipe no final do jogo, o que quase ocasionou um empate. Em um trecho da entrevista, o próprio site do Globo Esporte inclui o nome de Matheus Cunha entre parênteses para ajudar o leitor a lembrar quem perdeu o pênalti e, consequentemente, não haver uma exclusão por Supressão, já que esse ator social não aparece anteriormente.

Na última matéria (M6)¹⁰, notamos a presença de sete atores sociais que tiveram maior influência nas jogadas que resultaram em gols. Além disso, está também ocasiona a inclusão de seis nomes de atletas que se tornaram base para a escalação do time de Jardine, o qual tem seu nome citado cinco vezes.

⁶ M2 - Richarlison festeja hat-trick na estreia nas Olimpíadas, pede música e diz: “Noite inesquecível”

⁷ M3 - Daniel Alves cita “camisa pesada” do Brasil e diz que Seleção tira lições de vitória sobre a Alemanha

⁸ M4 - Paulinho vibra com golaço sobre a Alemanha: “Trabalhei muito para poder chegar nas Olimpíadas”

⁹ M5 - Jardine vê início da Seleção perto da perfeição contra a Alemanha, mas admite queda e prevê ajustes

¹⁰ M6 - Análise: com dupla retrô na frente, seleção olímpica dá mostras de bom futebol na estreia pelo ouro

No decorrer da publicação, surgem os nomes de Amiri e Ache, jogadores que marcaram a favor da Alemanha, de três brasileiros que acabaram falhando na hora dos gols adversários ou não jogaram como o esperado, além de outros dois que entraram no jogo e mostraram serviço em pouco tempo.

Assim sendo, quando associadas as oito matérias referentes às seleções masculina e feminina observamos que além da diferença no número de publicações, os conteúdos ligados a seleção brasileira masculina tem a presença de mais atores sociais que ajudam o leitor a ter uma melhor compreensão de como foi o jogo caso este não tenha assistido-o.

Por exemplo, na matéria M6, são descritos os jogadores que auxiliaram na construção dos gols e como eles fizeram isso, ou seja, a matéria acaba ficando mais detalhada e completa. Fatos e atores sociais que são excluídos por Supressão nas matérias femininas só se tornam visíveis quando confrontados, como propõe van Leeuwen.

Outro aspecto importante que envolve a exclusão dos atores sociais por Supressão é quando alguns jogadores da seleção masculina, como é o caso de Richarlison, Daniel Alves, Paulinho e Jardine, têm matérias próprias, enquanto na seleção feminina é apenas Marta. Indo mais afundo podemos perceber que sua entrevista corresponderia ao papel que os jogadores Richarlison e Daniel Alves exercem ao serem entrevistados: autor do maior número de gols e capitão da equipe, respectivamente.

Logo, a exclusão das outras três jogadoras que marcaram os gols da goleada feminina implica em uma diferença de tratamento de gênero entre as equipes. Ao mesmo ponto que como houve uma matéria voltada exclusivamente para a entrevista do técnico André Jardine, o mesmo deveria acontecer para a técnica Pia Sundhage, sendo que esta só teve enfoque pelo viés que PVC utilizou em sua coluna.

Além do mais, na matéria F1, Pia é citada uma vez e na matéria M6 o nome de Jardine aparece cinco vezes, como resultado também temos mais um caso de exclusão por Supressão que transmite a ideia de Pia não é tão importante quanto o técnico da seleção masculina.

Ao analisamos especificamente as duas colunas do jornalista PVC, se percebe que na matéria F2 ele pontua o nome de apenas uma atleta da próxima equipe adversária que seria muito boa, enquanto na matéria M1 alega três jogadores que dariam grande trabalho ao Brasil, portanto, há uma exclusão por Supressão, que de certa forma acentua uma ideia de falta de relevância das atletas do meio feminino. Por fim, nessas duas publicações, ainda é válido ressaltar que as características de determinadas jogadoras não são vangloriadas como a dos homens transmitindo a concepção de inferioridade.

b) Jogo 2

No segundo jogo, que ocorreu em 24 de julho, a seleção brasileira feminina enfrentou a Holanda e o empate em 3 a 3 persistiu no placar. Nesse sentido, na aba seleção brasileira foi encontrada apenas uma publicação (F3)¹¹: uma coluna opinativa escrita por PVC. Nela, o jornalista salienta sobre o fato da Holanda ser um time mais estruturado que o Brasil, no entanto, apesar de ser vice-campeã mundial jamais conseguiu vencer “a seleção de Marta”.

Em seu texto, Paulo se adentra no discurso de que o investimento e a formação podem trazer bons resultados e então mudar rapidamente a história de um time de futebol, como é o caso da Holanda que “nunca tinha passado das oitavas-de-final da Copa do Mundo até 2019 e se tornou vice-campeã mundial”.

Ademais, PVC diz que foi uma “grande atuação da seleção de Pia Sundhage” mesmo levando gol aos dois minutos de jogo da “incrível Vivianne Miedema, duas vezes artilheira da Superliga da Inglaterra e uma da Champions League, pelo Arsenal”, discurso o qual valoriza a capacidade e qualidade da jogadora.

Debinha, Marta e Ludmila marcaram para o Brasil, já os dois gols de Miedema e mais outro de Dominique Jansen garantiram o empate. Diferente de sua outra coluna, o jornalista utiliza o nome das jogadoras para detalhar melhor os acontecimentos do jogo, como quem entrou e saiu no decorrer da partida, para isso cita o nome de oito atletas. Outro aspecto a ser relevado é o fato deste destacar as equipes que cinco jogadoras da Holanda atuam.

O segundo jogo masculino se deu no dia 25 de julho, nele Brasil e Costa do Marfim empataram em 0 a 0, mas foi a expulsão do volante brasileiro Douglas Luiz aos 13 minutos do primeiro tempo que marcou a partida. Levando tal fato em consideração, o site do Globo Esporte publicou seis matérias que serão identificadas aqui com a numeração M7, M8, M9, M10, M11 e M12.

A primeira delas (M7)¹², assinada por PVC, trata sobre o esquema tático de ambas as equipes, onde distingue três atletas da Costa do Marfim, com seus respectivos times e do técnico Soualiho Haidara, já do lado brasileiro cita Douglas Luiz, Daniel Alves e Arana.

Em um lance de contra-ataque da equipe adversária, “Douglas Luiz fez falta em Dao e recebeu cartão vermelho, depois de verificação no vídeo do árbitro norte-americano Ismail Eifath”, logo todos os atores sociais presentes na ação do pênalti foram incluídos no discurso.

¹¹ F3 - Grande atuação e empate do Brasil contra a Holanda podem dar mais benefício do que vencer

¹² M7 - Brasil atacou muito e ameaçou pouco depois de expulsão de Douglas Luiz contra Costa do Marfim medrosa

PVC então pontua que após a expulsão “André Jardine teve coragem de não trocar um atacante pelo volante Gabriel Menino, como insinuou. Manteve a seleção desenhada com quatro em linha na defesa, três no meio-de-campo, dois deles sendo Antony e Claudinho, Richarlison e Matheus Cunha na frente”. Neste discurso reparamos que ocorre duas exclusões por Supressão visto que em nenhum momento do texto aparece o atacante que sairia do jogo, bem como, os zagueiros que atuaram na partida.

Ao salientar sobre as raras chances de gol do Brasil, Antony é enfatizado por um chute defendido pelo goleiro Tapé e sobre sua boa campanha no Ajax, além das chances perdidas por Claudinho e Arana. Daniel Alves também recebe visibilidade ao atuar mais como armador e nas substituições foram ressaltados os seis atores sociais participantes da ação.

Já no discurso “não conseguiu repertório para quebrar a linha de cinco defensores e para jogar com um homem a menos por 66 minutos”, verifica-se do um caso de exclusão por Encobrimento, pois usa o termo “homem” invés de Douglas Luiz, ator social que podemos recuperar no texto. Nesta oração podemos notar a expressão “cinco defensores” que apesar de não dizer quem são, de acordo com van Leeuwen, há uma inclusão visto que ser “defensor” é uma característica que os define.

A matéria M8¹³ tem como enfoque a expulsão de Douglas Luiz que teria prejudicado muito a seleção brasileira, e que “somente aos 36 da segunda etapa, com cartão vermelho para Kouassi, a partida ficou em igualdade de atletas em campo”.

Logo no início é realçado que “o empate sem gol com Costa do Marfim manteve a equipe de André Jardine na liderança do grupo D”. A partir disso, a matéria se desenvolve por meio das entrevistas de Daniel Alves, do atacante Antony e do lateral Guilherme Arana.

Focada na figura do técnico, a matéria M9¹⁴ acentua que Jardine saiu satisfeito com o que a seleção brasileira demonstrou apesar do empate e de não achar justa a expulsão de Douglas Luiz. Somado a isso, aparecem os nomes de outros cinco atletas, estes discorridos na entrevista do próprio técnico.

Douglas se torna o principal ator social da notícia M10¹⁵. O texto enfatiza que em suas redes sociais, o atleta lamentou prejudicar a equipe com a expulsão logo no início do jogo e que ao rever o lance não concordou com o cartão vermelho. Um de seus companheiros de seleção, Aston Villa, também utilizou as redes sociais para agradecer o esforço do grupo e dar sua opinião sobre a expulsão.

¹³ M8 - Daniel Alves vê grande partida da seleção olímpica e contesta expulsão: “Tenho dúvidas”

¹⁴ M9 - Jardine questiona expulsão, mas valoriza raça e inteligência da Seleção: ‘Merecia a vitória

¹⁵ M10 - Douglas Luiz agradece reação do grupo e frisa depois de rever expulsão: “Não achei justa”

Diferente das demais matérias, o lance da expulsão é explicado com maiores detalhes no seguinte discurso: “no primeiro momento, depois do lance com o atacante marfinense Dao, o árbitro Ismail Elfath deu cartão amarelo. Após revisão no VAR, ele trocou para o cartão vermelho, antes dos 15 minutos de jogo”, logo podemos visualizar que todos os atores sociais que participam da ação estão inclusos.

A matéria M11¹⁶ faz uma análise do jogo, além de comparar a atuação da “equipe do técnico André Jardine” com a primeira partida contra os alemães. Em um dos parágrafos, ao tratar sobre a expulsão, notamos que no trecho “diferentemente do que estamos acostumados a ver nos campeonatos por aqui, não ficou pressionando a arbitragem ou praticando antijogo em busca de compensação pelo cartão vermelho”, a palavra “arbitragem” exclui os atores sociais responsáveis pelo ato visto que ela foi transformada em um substantivo.

O texto frisa que com a expulsão, “Jardine cogitou reforçar o meio de campo com a entrada de Gabriel Menino, mas preferiu não alterar a estrutura da equipe”. Ao salientar sobre os personagens importantes para a partida, foram destacados os nomes de seis jogadores. Já quando a análise comenta que “os marfinenses também tiveram um jogador expulso”, há uma exclusão por Supressão, pois o nome do atleta não é indicado.

O nome de Jardine novamente é relevado ao texto frisar nas substituições que fez para renovar o fôlego da equipe com a expulsão, neste caso, seis jogadores referentes às três substituições são enfatizados.

Por último, a notícia M12¹⁷ também lembra que o empate mantém a “equipe de André Jardine” na liderança do grupo. Nesta, são abordadas estatísticas de jogo, além de evidenciar de forma breve a expulsão de Douglas Luiz. Com três grandes chances advindas de Claudinho, a matéria se baseia em sua entrevista, o qual diz que alguma hora o gol iria sair mesmo com um a menos, especialmente por chutar de fora da área.

Ao compararmos as matérias das duas seleções atentamos que os técnicos recebem ênfase nas expressões “seleção de Pia Sundhage” e “equipe de André Jardine”, portanto, nesse sentido podemos dizer que ambos foram tratados com equidade pelo discurso usado, mas como foram publicadas mais matérias masculinas o técnico Jardine apareceu mais vezes. Ao observarmos o termo “seleção de Marta”, percebemos uma nova exclusão por Supressão bastante significativa, visto que ao frisar o nome da camisa dez, as demais atletas que já são pouco citadas, acabam se tornando ainda menos relevantes.

¹⁶ M11 - Análise: prejudicada por expulsão, Seleção mostra virtudes táticas e emocionais em empate

¹⁷ M12 - Com cinco finalizações, Claudinho calibra o taco contra Costa do Marfim e promete gol: “Vai sair”

Contudo, novamente nota-se que nas matérias da seleção masculina há a presença de mais atores sociais e estes têm publicações próprias. Ao tratar dos treinadores, por exemplo, há uma matéria com a entrevista de André Jardine, mas não há nenhuma sobre Pia Sundhage.

Com um olhar mais abrangente percebemos que todas as matérias abordam a expulsão de Douglas Luiz como um dos fatores que prejudicaram a seleção brasileira e justificaria o empate, já que as chances de gol ficam menores com um a menos em campo. Por outro lado, a atleta Vivianne Miedema, autora de dois dos três gols da Holanda, denominada de “incrível” por PVC, recebe muito menos destaque que Douglas e o discurso empregado na matéria não a coloca como o grande motivo do empate da seleção feminina.

c) Jogo 3

No último jogo classificatório da seleção brasileira feminina, no dia 27 de julho, o site publicou uma matéria referente ao jogo contra a Zâmbia, que acabou com vitória brasileira por 1 a 0. A coluna opinativa (F4)¹⁸, escrita pela jornalista e comentarista Cíntia Barlem, frisa que as canadenses serão as próximas adversárias por conta do Brasil ser o segundo colocado da chave F.

Ao Cíntia mencionar sobre o gol e o placar magro, identifica-se uma exclusão por Supressão visto que em nenhum momento do seu texto é referido o nome de Andressa Alves como a autora do gol em um lance de falta. Informação que o leitor só saberá se assistir o vídeo postado junto à publicação.

A comentarista então lembra que Banda sempre assustava às brasileiras ao chegar nas costas da marcação, problema que foi resolvido “quando Pia encostou Rafaelle na jogadora”. Já ao destacar sobre quem ficou fora da partida ou entrou no decorrer do jogo são apontadas seis atletas, por sua vez, Pia é referenciada quatro vezes no texto.

Na análise do jogo, Cíntia também constata que Debinha e Bia Zaneratto fizeram falta na movimentação brasileira. Em relação ao próximo jogo, ela pontua duas atletas canadenses e seus respectivos times que poderiam dar trabalho ao Brasil. Outro ponto a ser ressaído, é o fato de que no lance de gol brasileiro houve a expulsão de uma atleta da Zâmbia após entrada forte em Ludmila, mas que não é informada na matéria. Algo que só é possível saber quando o leitor acessa o hiperlink da publicação e assiste aos melhores momentos.

Por fim, no dia 28 de julho aconteceu o último jogo classificatório masculino contra a Arábia Saudita, o qual o Brasil venceu por 3 a 1. O Globo Esporte então fez sete publicações, que serão aqui identificadas com a numeração M13, M14, M15, M16, M17, M18, M19. A

¹⁸ F4 - As lições de Zâmbia que ficam para as quartas de final contra o Canadá

primeira (M13)¹⁹ evidencia o atacante Richarlison, autor de dois gols da partida, que chegou a artilharia das Olimpíadas na fase de grupos com cinco gols.

Em sua entrevista projetou os desafios das quartas de final e falou sobre sua inspiração em Ronaldo, que também marcou cinco gols em Olimpíadas. Nesse aspecto, o texto salienta que os dois estão no top-5 dos artilheiros brasileiros no torneio. Todavia, ocorre a exclusão de dois atores sociais por Supressão, já que os demais autores dos gols não foram indicados.

Na notícia M14²⁰, o ator social de destaque é Matheus Cunha, primeiro a marcar no jogo. Em entrevista, este lembrou que o jogo se sucedeu no mesmo estádio que Ronaldo marcou o 1 a 0 na semifinal da Copa do Mundo contra a Turquia, em 2002.

Ao longo do texto é citado o nome de Claudinho que cobrou o escanteio para o gol do atleta, o qual fez o “19º gol dele sob o comando do técnico André Jardine - é o artilheiro da seleção brasileira neste ciclo olímpico”. Já para se referir ao artilheiro dos Jogos Olímpicos no futebol até aquele momento, a postagem aludiu o nome de Richarlison, ainda mencionado por Matheus Cunha na entrevista. Matheus Henrique também aparece no discurso por chutar a bola no gol e no rebote Matheus Cunha acertar a trave. O autor do gol da Arábia Saudita não é apresentado havendo uma exclusão por Supressão.

A postagem M15²¹ tem como relevância a entrevista do técnico Jardine, o qual diz que mesmo as seleções com menos tradição do que a da Alemanha deram trabalho. Entretanto, em nenhum momento do texto aparecem os quatro atores sociais que marcaram os gols, somente no vídeo dos melhores momentos, havendo assim uma exclusão por Supressão.

As notícias M16²² e M17²³, publicadas no dia 28 de julho, não tem tanto enfoque no último jogo classificatório da seleção, mas em seu possível próximo adversário.

Nesta primeira, é destacado que após a classificação, os atletas foram assistir o jogo entre Espanha e Argentina que ficou empatado em 1 a 1, resultado que levou a eliminação da Argentina e fez a Espanha ser líder da chave C. Ao não mencionar os atletas que marcaram os gols da partida, seja no jogo do Brasil, como no da Argentina e Espanha, há uma exclusão por Supressão visto que a presença desses atores sociais é tão importante como o resultado final.

Já a segunda matéria, foca na rivalidade entre Brasil e Argentina, assim os nomes de quatro brasileiros são citados para dizer que eles provocaram os rivais pelas redes sociais. Nesse contexto, o argentino De Paul recebe evidência por ter respondido às publicações de

¹⁹ M13 - Richarlison assume artilharia das Olimpíadas e diz que se inspira em Ronaldo: “É o nosso ídolo”

²⁰ M14 - Matheus Cunha celebra primeiro gol no Japão e se cobra para marcar mais: ‘Pode melhorar’”

²¹ M15 - Jardine elogia Arábia Saudita, diz que Brasil mereceu vitória e prega respeito e imposição nas quartas

²² M16 - Após classificação, jogadores da seleção brasileira ficam no estádio e assistem a Espanha x Argentina

²³ M17 - “Tchau hermanitos”: jogadores do Brasil provocam argentinos, e De Paul responde Richarlison

Richarlison e ser um dos nomes da Argentina na vitória por 1 a 0 contra os brasileiros na final da Copa América. Por fim, a matéria fala sobre o resultado do jogo entre Brasil e Arábia Saudita e, mais uma vez, ocorre exclusão por Supressão, pois os atores sociais que marcaram os gols só aparecem no vídeo de melhores momentos publicado junto à matéria.

A matéria M18²⁴ é uma coluna escrita por PVC. Nela, o jornalista faz uma análise das duas últimas partidas acentuando a expulsão de Douglas Luiz contra a Costa do Marfim e as chances criadas pela Arábia Saudita pelo setor defensivo de Guilherme Arana.

Ainda nesse contexto, sete atletas brasileiros foram mencionados para referir que o Brasil também criou boas chances. Sobre o Egito, é feito um retrospecto de sua campanha na fase de grupos e lembrado de um confronto entre as duas equipes em 2012, onde os brasileiros venceram por 3 a 2. Sendo Salah o único autor dos gols indicado, gera-se uma exclusão por Supressão. Hegazi também é citado como um atleta de alto nível que participou daquele jogo, por fim, aparece o nome de André Jardine admitindo as dificuldades do sistema tático 5-4-1.

A matéria M19²⁵ trata sobre um ponto fraco do “time de Jardine”, a bola aérea e os gols sofridos pelo alto. À vista disso, é aludido o nome do goleiro brasileiro e do jogador da Arábia Saudita que fez o gol na única chegada por cima. Nino e Diogo Carlos são ressaltados no discurso por um jogador adversário fazer o gol mesmo estando entre eles dois, assim sendo, há uma exclusão por Supressão, pois os demais marcadores não estão presentes.

O texto frisa que Jardine comanda uma equipe que cria muitas jogadas, especialmente quando o lance envolve Mateus Cunha, Richarlison e Antony. Ainda contra a Arábia Saudita, com Matheus Henrique no lugar de Douglas Luiz, o lateral Saud parou de ser tão efetivo no corredor de Guilherme Arana. Se caso Antony tivesse marcado no lance com Matheus Cunha e se este não tivesse perdido uma chance no rebote de Matheus Henrique, o placar seria maior.

Além disso, são citados os nomes de cinco atletas escalados por Jardine e que fazem a diferença no jogo. Bruno Guimarães é declarado como “ponto de equilíbrio do time de Jardine”, pois tenta lançar a bola para Richarlison, Matheus Cunha, Claudinho e Guilherme Arana. No último parágrafo, a análise comenta que os egípcios venceram por 2 a 1 no último amistoso, no entanto, nenhum nome é especificado havendo exclusão por Supressão.

Ao comparar como são tratados os atores sociais de cada seleção, vê-se que além do nome de Andressa Alves não aparecer na própria matéria, ela não tem um conteúdo voltado para si, como foi no caso Richarlison e Mateus Cunha, bem como, o técnico André Jardine tem uma notícia própria enquanto Pia Sundhage não possui.

²⁴ M18 - Brasil enfrentará Egito e linha de cinco que criou dificuldades contra Costa do Marfim e Arábia Saudita

²⁵ M19 - Análise: seleção brasileira fecha fase inicial com maior número de chutes a gol, mas sofre pelo alto

Já na matéria M14 é válido destacar que aparece o ator social que deu início a jogada do gol com a cobrança de pênalti, enquanto o nome de Mweemba que fez a falta na atleta brasileira e sofreu a expulsão nem foi reportada. São apontados mais jogadores masculinos, além de jogadas que construíram ou dificuldades que enfrentaram. No que diz respeito aos confrontos históricos, o mesmo não acontece na matéria feminina.

Desse modo, ao voltar nosso olhar da análise qualitativa para a quantitativa, detemos os referidos dados em publicações sobre a seleção brasileira feminina e masculina de futebol, como pode ser visto nos Quadros 1 e 2:

Quadro 1 - Seleção Brasileira Feminina

Pré-jogo	7 matérias	(20/07)
1º jogo	2 matérias	(21/07)
Pós-jogo	2 matérias	(22/07)
Pré-jogo	4 matérias	(23/07)
2º jogo	1 matéria	(24/07)
Pós-jogo	1 matéria	(25/07)
Pré-jogo	3 matérias	(26/07)
3º jogo	1 matéria	(27/07)
Pós-jogo	1 matéria	(28/07)
Total	22 matérias	

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 2 - Seleção Brasileira Masculina

Pré-jogo	5 matérias	(21/07)
1º jogo	6 matérias	(22/07)
Pós-jogo	4 matérias	(23/07)
Pré-jogo	2 matérias	(24/07)
2º jogo	6 matérias	(25/07)
Pós-jogo	1 matéria	(26/07)
Pré-jogo	5 matérias	(27/07)
3º jogo	7 matérias	(28/07)
Pós-jogo	4 matérias	(29/07)
Total	40 matérias	

Fonte: Elaborado pela autora

Em suma, podemos observar que ao mesmo tempo que são publicadas 40 matérias sobre a seleção masculina, somente 22 referem-se à seleção feminina, ocorrendo assim uma disparidade no número de publicações. Já no dia da estreia foram postadas duas matérias femininas e seis masculinas, no segundo jogo, uma feminina e seis masculinas e, no último jogo classificatório, uma feminina e sete masculinas, totalizando quatro publicações sobre a seleção feminina e 19 da seleção masculina.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao traçarmos um simples paralelo entre a prática esportiva e o jornalismo esportivo notamos que ao longo dos anos ambos crescem e ganham novos adeptos de maneira conjunta, ou seja, a medida que mais pessoas se interessaram pelo esporte em si, maior o espaço que a editoria tinha nos veículos de comunicação, especialmente nos jornais.

No entanto, o contexto histórico das mulheres no esporte no país está atrelado a uma proibição estabelecida por Getúlio Vargas em 1941. A ideia de que alguns esportes, entre eles o futebol, iam contra as “condições de sua natureza”, visto que poderia resultar em lesões em seus órgãos reprodutores ou tiraria a feminilidade da mulher pelas mudanças em seu corpo conforme expõe Romero (2004), implicaram em uma desvalorização da mulher esportista.

O conceito de que as conquistas estão relacionadas a características masculinas, como a força e agilidade, aqui destacadas por Castro e Máximo (2018), resultam em uma diferença no tratamento do gênero. A tentativa de fazer o futebol feminino ser mais valorizado se deu pela CBF em 2013 com a criação do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, 54 anos depois do que veio a ser o conhecido Brasileirão disputado por equipes masculinas.

Por outro lado, a mídia também adotou uma narrativa de inclusão do futebol feminino. Entretanto, na prática, o tempo e/ou espaço destinado às notícias sobre o futebol feminino e masculino é diferente. Outro exemplo está na transmissão dos jogos femininos que raramente ocorrem em TV aberta, ao menos que se trate de uma competição mundial. Assim, partindo de pressupostos como estes originou-se a hipótese deste artigo de que a cobertura esportiva do futebol feminino segue sendo inferior à do futebol masculino.

Logo, ao observarmos nosso objeto de estudo de maneira qualitativa entendemos que os atores sociais trabalhados por van Leeuwen (1997; 2008) trazem um procedimento de análise para enxergar como o futebol feminino e masculino são tratados pelo site do Globo Esporte. Nessa perspectiva, vale destacar, a diferença de atores sociais presentes nas matérias de ambas as seleções, sendo as matérias masculinas muito mais detalhadas.

Já ao nos referirmos sobre as categorias que ocasionam a exclusão dos atores sociais, constatamos que a grande maioria ocorre por Supressão, sendo algumas percebidas durante o comparativo com o próprio discurso da matéria (por exemplo, quando nem todos os autores dos gols são mencionados) e outras somente quando feito o comparativo com as publicações do gênero oposto.

Neste caso, é evidenciado uma grande diferença na forma de tratamento de ambas as seleções, visto que os jogadores que fizeram os gols ou tiveram alguma influência no jogo tem matérias próprias, mais especificamente nove delas são individualizadas, enquanto no feminino - com nove gols feitos na fase de grupos - apenas Marta tem a matéria F1 voltada a sua entrevista. Entre os atletas protagonistas estão o capitão e lateral-direito Daniel Alves e o centroavante Richarlison, com duas publicações para cada um.

No que se refere aos técnicos, André Jardine além de ter seu nome citado diversas vezes, em quase todas as publicações masculinas, possui uma matéria voltada a sua entrevista

para cada um dos três jogos. Já o mesmo não acontece para Pia Sundhage, que com exceção da coluna opinativa (F2), seu nome mal é mencionado.

Seis das 19 matérias masculinas falam, em específico, de tática, números e análises aprofundadas do jogo. Por outro lado, no feminino, apenas a publicação F4 faz uma análise mais aprofundada ao se referir às estratégias de Pia Sundhage e de jogadoras importantes para o jogo, as demais são apenas fatos referentes a quem fez o quê e contra quem vai-se jogar.

Considerando o gênero jornalístico, seis das 23 publicações são colunas opinativas e, duas delas, são a única publicação referente ao segundo e terceiro jogo feminino. Difícil de justificar a ausência de notícias sobre o jogo do dia, em troca de apenas uma coluna opinativa. Sendo a informação o maior valor do jornalismo em si, quando ausente, também ausenta-se o caráter mais peculiar do jornalismo informativo, a notícia factual.

Além disso, a coluna opinativa não surge, necessariamente, de uma política editorial, mas de uma escolha temática do colunista. A ausência de notícias sobre os jogos femininos está diretamente relacionada à política editorial do veículo. Uma coluna opinativa não pode substituir isso porque é uma escolha pessoal, fato que ajuda a demonstrar uma dessemelhança no tratamento entre as seleções.

Partindo para a análise quantitativa, é incontestável a disparidade de publicações para cada seleção na fase de grupos e nos dias de jogos, já que a seleção brasileira masculina tem quase cinco vezes mais matérias que a seleção brasileira feminina. Desse modo, é perceptível que a quantidade por si só demonstra apenas uma parte da imensa diferença de tratamento e relevância existente entre os dois gêneros, e toda a invisibilidade que o Globo Esporte dá ao protagonismo feminino a partir de decisões que parecem ser editoriais.

9 REFERÊNCIAS

CARVALHO, Thais May; GROHMANN, Rafael. Jornalismo esportivo vs Esporte feminino. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 39., São Paulo, 2016. *Anais* [...]. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2896-1.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2021.

CASTRO, Letícia de; MÁXIMO, Maria Elisa. Feitos invisíveis: a “cobertura esportiva” do site GloboEsporte.com sobre a Seleção Brasileira de Futebol Feminino. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 41, Joinville, 2018. *Anais* [...]. Joinville: Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1928-1.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Dôuglas Aparecido. Inclusão e exclusão: interfaces entre os pressupostos de Theo van Leeuwen e a comunicação organizacional. **Organicom**, nome da cidade, v. 15, n. 29, p. 101-111, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/150336/153075>. Acesso em: 07 mar. 2022.

FERREIRA, José Genival Bezerra. **Representações do Outro: análise crítica da mídia esportiva portuguesa sobre os brasileiros**. 2018b. Tese (Doutor em Linguística) - Universidade de Évora, Évora, 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/126678366-Representacoes-do-outro-analise-critica-da-midia-esportiva-portuguesa-sobre-os-brasileiros.html>. Acesso em: 08 mar. 2022.

MELO, José Marques de. **A coluna**. Campos de Jordão: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2002, p. 129-139. Disponível em: <https://xdocs.com.br/doc/a-coluna-jornalistica-por-jose-marques-de-melo-wvo97zdm8j>. Acesso em: 25 jun. 2022.

MOREL, Márcia; MOURÃO Ludmila. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/148/157>. Acesso em: 26 ago. 2021.

TRINDADE, Eneida dos Santos. **Modos de leitura em jornais digitais: uma análise discursiva do papel interativo do leitor**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2016. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4025/1/ENEIDA_SANTOS_TRINDADE.pdf. Acesso em: 08 abr. 2022.

ROMERO, Elaine. **A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo**. In: FÓRUM DE DEBATE SOBRE MULHER E ESPORTE > MITOS E VERDADES <, III, São Paulo, 2004. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2004. Disponível em: <https://sil0.tips/download/universidade-de-sao-paulo-262>. Acesso em: 22 set. 2021.

10 ANEXO

10.1 Links das matérias analisadas:

<https://ge.globo.com/olimpiadas/futebol/noticia/apos-ceder-cobranca-de-penalti-a-andressa-alves-marta-ressalta-aqui-nao-tem- vaidade.ghtml>

<https://ge.globo.com/blogs/blog-do-pvc/post/2021/07/21/verdadeiro-projeto-olimpico-do-fute bol-brasileiro-e-o-da-selecao-feminina.ghtml>

<https://ge.globo.com/blogs/blog-do-pvc/post/2021/07/22/brasil-mostrou-forca-coletiva-na-estr eia-e-vale-mais-valor-do-que-fragilidade-da-alemanha-e-pressao-no-final.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/noticias-selecao-brasileira-richarlison-musica-fantasti co-olimpiadas-alemanha-hat-trick.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/noticias-selecao-brasileira-olimpiadas-daniel-alves-ca pitao-alemanha-entrevista-lico-es-camisa-pesada.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/futebol/noticia/paulinho-vibra-com-golaco-sobre-a-alemanha -trabalhei-muito-para-poder-chegar-nas-olimpiadas.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/noticias-selecao-brasileira-andre-jardine-entrevista-al emanha-olimpiadas-perfeicao-correcoes.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/analise-com-dupla-retro-na-frente-selecao-olimpica-d a-mostras-de-bom-futebol-na-estreia-pelo-ouro.ghtml>

<https://ge.globo.com/blogs/blog-do-pvc/post/2021/07/24/grande-atuacao-em-empate-do-brasil -contra-a-holanda-pode-dar-mais-beneficio-do-que-vencer.ghtml>

<https://ge.globo.com/blogs/blog-do-pvc/post/2021/07/25/brasil-atacou-muito-e-ameacou-pouc o-depois-de-expulsao-de-douglas-luiz-contra-costa-do-marfim-medrosa.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/daniel-alves-ve-grande-partida-da-selecao-olimpica-e -contesta-expulsao-tenho-duvidas.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/noticias-selecao-brasileira-andre-jardine-olimpiadas-c osta-do-marfim-entrevista.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/douglas-luiz-agradece-ao-grupo-por-reacao-apos-exp ulsao-e-frisa-depois-de-rever-lance-nao-achei-justa.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/noticias-selecao-brasileira-futebol-masculino-analise- olimpiadas-costa-do-marfim-empate.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/com-cinco-finalizacoes-claudinho-calibra-o-taco-cont ra-costa-do-marfim-e-promete-gol-vai-sair.ghtml>

<https://ge.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2021/07/27/as-lico-es-de-zambia-que-fica m-para-as-quartas-de-final-contra-o-canada.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/noticias-selecao-brasileira-olimpiadas-richarlison-arti lheiro-gols-entrevista-ronaldo.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/futebol/noticia/artilheiro-do-ciclo-olimpico-matheus-cunha-c elebra-primeiro-gol-no-japao-incomparavel.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/noticias-selecao-brasileira-andre-jardine-entrevista-ar abia-saudita-olimpiadas-quartas-de-final.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/noticias-selecao-brasileira-olimpiadas-jogadores-arqu ibancadas-espanha-argentina.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/noticias-selecao-brasileira-provocacao-argentina-iron ia-olimpiadas-eliminacao.ghtml>

<https://ge.globo.com/blogs/blog-do-pvc/post/2021/07/28/brasil-enfrentara-egito-e-linha-de-cin co-que-criou-dificuldades-contra-costa-do-marfim-e-arabia-saudita.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/analise-selecao-brasileira-fecha-fase-inicial-com-mai or-numero-de-chutes-a-gol-mas-sofre-pelo-alto.ghtml>